

## A LUXÚRIA COMO HERANÇA DE ADÃO

Rejane Barreto Jardim<sup>1</sup>

Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará.

(Gênese, Cap. 3, v. 16)

**Resumo:** Durante toda a Idade Média o discurso religioso encenou uma batalha entre o vício e a virtude. Esta luta está fartamente representada tanto na iconografia quanto no texto escrito. Este artigo tratará do Pecado da Luxúria nas *Cantigas de Santa Maria*, onde encontramos algumas composições dedicadas ao pecado da luxúria. Tratando as *Cantigas* como *exemplum*, farei a análise da *Cantiga* 336, extraída da tradução portuguesa de Walter Mettmann.

**Palavras-chaves:** Sexualidade, Pecado, Casamento, Idade Média, Discurso Clerical.

**Abstract:** In the course of whole middle age the religions speech express a battle between vice and virtue. This battle is represented in abundance even in iconography as in writting. This text treat about the sin of lust into *Songs of Santa Maria*, where we find some compositions about the sin of lust. Taking the *Cantigas* as an example, Y wuill do an analisis of *Songs* 336, according to the portuguese translation by Walter Mettmann.

**Key words:** Sexuality, Sin, Marriage, Middle Age, Clerical Speech.

Este artigo pretende contribuir para uma abordagem dos Pecados Capitais no imaginário medieval. Entre os pecados capitais, o pecado da luxúria nos chama a atenção pela possibilidade de utilização da categoria *Gênero* como instrumento de análise histórica<sup>2</sup>. Partindo do pressuposto das relações entre os sexos serem historicamente construídas, é possível pensar no percurso histórico dos sete pecados capitais como um dos momentos de construção do universo masculino e feminino.

Assim, na história dos Pecados Capitais, um dos primeiros a escrever sobre eles foi Evágrio Pôntico. Ele redigiu a primeira lista dos sete pecados capitais a qual, por muito tempo, manteve-se mais ou menos inalterada. Nela, os dois pecados da carne, a *gula* e a *luxúria*, são apresentados, na maior parte dos casos, um ao lado do outro, no começo ou no fim do sentenário.

<sup>1</sup> Professora de História Medieval do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul. É Doutoranda na PUCRS com bolsa do CNPq e já desenvolveu parte de seu doutorado na Universidade Complutense de Madrid.

<sup>2</sup> Sobre os estudo de Gênero, consultar entre outros: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16(2): 5-22, jul/dez. 1990.

Com Cassiano, autor de um rol de oito pecados capitais, a *gula* e a *luxúria* foram considerados vícios a serem combatidos com o maior vigor possível por parte dos ascetas. Cabe lembrar que, rapidamente, ocorreu uma distinção entre *vício* e *pecado*, o *vício* foi considerado uma predisposição permanente para o mal e, por isso, mais grave que o *pecado*. Durante a Idade Média, a batalha entre o vício e a virtude foi uma forma de representação bastante comum, sobretudo, na iconografia. Vícios e virtudes se defrontam em uma luta entre o bem e o mal, conforme salienta Piluso (1995: 45-47).

Em uma sociedade medieval, em que a guerra e a agressão funcionam como uma forma de acúmulo de riquezas e prestígio, durante as batalhas medievais, uma figura importante é o guerreiro. Este personagem, o guerreiro medieval que, posteriormente, foi transformado em cavaleiro, tornou-se representativo de um sistema cultural.

Desta forma, aqui apresento a *Cantiga 336*, extraída das *Cantigas de Santa Maria*, da tradução portuguesa de Walter Mettemann, que nos mostra um homem luxurioso, que, apesar de suas muitas virtudes, está em confronto com o mal, e seu vício é vinculado ao Pecado Original. É importante ressaltar que o cavaleiro é uma personagem dada ao combate, é um sujeito da guerra, da luta, e nesta batalha entre o vício e a virtude, que foi recorrente em toda a Idade Média, nada mais representativo da idéia do confronto que a figura de um guerreiro.

Chamam a atenção nesta *Cantiga* três aspectos que se articulam entre si: um é o alegado caráter *natural* desse vício, tema de importantes debates entre os homens de saber do período em questão; outro é o vínculo entre o pecado da *luxúria* e o pecado original, apresentado, aqui, como uma herança de Adão que - no episódio da queda - atentou contra a soberania de Deus e, portanto, caiu primeiro no pecado do *orgulho*, o primeiro dos vícios capitais, pelo qual chegou até a *luxúria*. Por último, para além da Virgem Maria, é flagrante a ausência de uma figura feminina, a meu ver, uma condição necessária para que a *luxúria* se realize. Então, vejamos como a *Cantiga* trata estas questões:

**Como um cavaleiro que era luxurioso, por esse motivo pediu a Santa Maria, que mudasse a natureza que nem sequer depois, por tal pedido se interessou<sup>3</sup>**

<sup>3</sup> Os destaques em negrito são da autora.

Bem como insiste o demo/ em fazer-nos que erremos,  
outrossi a Virgem insiste / como nos de errar guardemos.

Porque assim como ele sempre / anda buscando meios  
para mal fazer no mundo / falsas e muitas mentiras,  
assim também busca a Virgem / santas e muito verdadeiras,  
porque graças tenhamos / de Deus, que sempre atendemos.

Bem como insiste o demo / em fazer-nos que erremos  
outrossi a Virgem insiste / como nos errar guardemos

E deste um grande milagre / que ouvi dizer-vos quero,  
que fez uma vez / maravilhoso e muito fecundo  
a Virgem muito gloriosa,/ de quem grande graça espero;  
se bem nos escutar, / de vontade vô-lo diremos.

Bem como insiste o demo /...

Este foi de um cavaleiro / que de coração amava  
a muito gloriosa / e que sempre a louvava  
quanto ele mais louvor podia,/ e por seu amor também dava  
a pobres e mesquinhos, / isto de certo sabemos.

Bem como insiste o demo / ...

Este cavaleiro era / grande e belo e formoso,  
manso de boa vontade, / sem orgulho e humilde  
e de finas maneiras em seus feitos; / mas tão luxurioso  
era que mais não podia / ser, por quanto aprendemos.

Bem como insiste o demo/ ...

mas quando ele lembrava / a Senhor bem perfeita,  
acalmava-lhe aquela angústia / e era de boa vida;  
mas depois ele esquecia, / como homem que esquece  
e que não está em seu juízo, / e que tais conhecemos.

Bem como insiste o demo /...

Ele aquilo assim fazendo / e com o demo lutando,  
não estando em um estado, / mas caindo e levantando,  
viu em visão a Rainha / dos céus, e ele chorando  
lhe disse: “ Senhor, graças, porque em ti a acharemos

Bem como insiste o demo / ...

Cada vez que fazemos erro. / Porém a tua santidade  
Rogo que me hajas mercê / e pela tua piedade  
Não olhes como sou / muito cheio de maldade  
Eu e os mais deste mundo / pelos pecados de fazemos”.

Bem como insiste o demo /...

Então a Virgem muito santa / olhou-o como temida  
e disse-lhe:” A esperança / que tens em mim é perdida  
se daquilo que tu fazes / teu coração não se muda  
e não deixas aquele erro / que a nós muito aborrece”.

Bem como insiste o demo /...

Então disse o cavaleiro: / “Minha Senhor, eu sou vosso,  
E a vos de nenhuma maneira / mentir não devo nem poço;  
Mais esse erro da **natureza** / bem desde **Adão** é nosso,  
de que não seremos sãos, / se por vos não nos curarmos”.

Bem como insiste o demo /...

Então respondeu a Virgem / muito cheia de cortesia:  
“Porque teu bem conhecemos / **e entendes tua loucura**,  
eu farei que o meu Filho / te transforme a **natureza**  
que de qualquer modo isto não faças, / porque disto poder  
temos”.

Bem como insiste o demo

**Então foi-se a Virgem santa;/ e logo um outro dia  
por poder da gloriosa / benta Santa Maria  
o cavaleiro que antes / com grande luxuria ardia  
ficou mais frio que a neve,/ nos milagres o lemos**

Bem como insiste o demo /...

E viveu depois sua vida / quão grande Deus quis e quanta,  
muito boa, assim como homem que sempre em seu bem avança,  
por prazer da Gloriosa / que ao demo destrói,  
a que sempre pecadores / desse modo louvores damos.

Bem como insiste o demo /... (Mettmann,1964: 212-214)

Comecemos por salientar como estes três aspectos se articulam em nosso exemplo. O problema do caráter natural do vício da *luxúria*, que é apresentado como um erro da *natureza* desde Adão, transforma o pecado da *luxúria* em um problema dos homens, transmitido pela linhagem masculina para todos os filhos do primeiro pecador, uma questão predominantemente viril. Para Carla Casagrande e Silvana Vecchio (2003: 229-273), o pecado da luxúria nasceu no interior de um universo exclusivamente masculino, como aquele das comunidades monásticas, nas quais estavam operando os pais fundadores do setenário dos vícios. Esse vício não exclui as mulheres, as quais são passíveis de *luxúria*. Poder-se-ia dizer que elas são a própria *luxúria*. Entretanto, os exemplos presentes nos diferentes textos escritos são sempre masculinos.

Já na iconografia medieval, a figura feminina é a própria representação deste pecado. E aqui algumas perguntas se impõem. Por que, neste universo, este pecado é um erro de origem não feminina? Terá alguma ligação com o fato de os lugares de produção de conhecimento na Idade Média serem predominantemente masculinos ou, ao menos, majoritariamente composto por homens, e daí a necessidade de manter um controle rigoroso sobre as práticas sexuais destes homens? Por que nesta formação discursiva, Eva parece escapar de uma culpa que, sem dúvida, lhe cairia muito bem? Afinal, ela teve uma participação muito atuante no momento da queda. Teriam as mulheres uma tal incapacidade para discernir entre o bem e o mal, que lhes é desnecessário qualquer tipo de prova? Ou seriam as mulheres intrinsecamente más? Teriam elas uma existência baseada na afirmação do outro? Isto é, elas existiriam apenas para que o homem pudesse afirmar seus propósitos diante da vontade do criador?

Ou, em uma outra perspectiva, ainda se poderia indagar se a *luxúria* ou concupiscência é mais *natural* na mulher do que no homem e, como um vício *natural*, -segundo Pedro Abelardo -, permanece moralmente neutro, portanto, sem possibilidade de julgamento moral. Já no homem, que pode escolher - faculdade que falta na mulher - trata-se de um pecado, fruto de uma adesão voluntária ao mal, portanto, passível de julgamento moral. As mulheres, por serem naturalmente dadas ao mal, não possuem as condições de possibilidade para realizarem tal escolha. Elas simplesmente não têm escolha. Talvez, aqui esteja um caminho para explicar o fato: salvo em algumas iconografias do período, onde a *luxúria* aparece representada na imagem de uma mulher, não ocorrerem exemplos, nos textos escritos, de mulheres luxuriosas que travam uma luta contra este vício; sem dúvida, o mais popular

e insalubre dos vícios capitais. E neste particular cabe lembrar que, na sociedade medieval, o campo do combate é lugar reservado aos homens.

Para além dos aspectos até aqui abordados, a *Cantiga* sugere na passagem: “Porque teu bem connocemos e entedes ta loucura”, que o cavaleiro tem conhecimento da sua condição de pecador. Assim, este vício parece se revestir de uma gravidade ainda maior, pois não se trata de um ato praticado por alguém que desconhece o erro que comete, posto que ele tem plena ciência daquilo que faz, logo sua vigilância deveria ser redobrada. Além disso, a menção à *loucura* nos remete para uma outra questão: trata-se do pior dos danos que a luxúria pode causar: a perda da razão. Noção que vem desde a cultura pagã, tendo sido depois apropriada pela tradição cristã, que insiste na idéia dos prejuízos que a atividade sexual causa ao exercício da razão. Assim, foi se construindo um modelo de renúncia sexual em nome do prazer da inteligência em detrimento daquele da carne.

Este modelo foi reforçado no século XIII, principalmente nos meios universitários, que propunham um ascetismo intelectual em busca de uma superioridade que diferenciase o homem de saber de uma suposta animalidade, que o manteria preso às necessidades do corpo. Cabe lembrar que as *Cantigas de Santa Maria* foram escritas na corte de Afonso X, o Sábio, em meados do século XIII.

Para finalizar, a *Cantiga* em análise nos permite, ainda, pensar sobre uma questão que foi muito cara à Igreja de Roma durante o período medieval: trata-se do controle das relações entre os sexos. Os textos medievais apresentam-nos uma preocupação muito grande em determinar os papéis de homens e mulheres e talvez nunca se tenha discutido tanto sobre a sexualidade humana quanto naquela época. Desde os pais da Igreja, este é um tema presente.

Caracterizar as condutas ideais, bem como criticar comportamentos desviantes, foi uma constante. Contudo, é preciso ter-se em conta que, na sua maioria, estes textos foram produzidos pela mão de homens já comprometidos com uma determinada concepção de mundo — uma cosmovisão que já estava orientada pelo pensamento cristão. O cristianismo produziu uma nova orientação para a sexualidade, introduzindo a idéia que há uma relação entre carne e pecado.

No exemplo em estudo, a *Cantiga* sugere que a *luxúria* é um erro *nosso*: “Mais esse erro da **natureza** / bem desde **Adão** é nosso”. Isto pode nos levar a pensar que esse *nosso* se refere apenas aos homens, ou ainda interpretá-lo como se referindo à humanidade, um erro que o primeiro homem comete

a partir da vontade da primeira mulher e, desde então, ambos passarão a ter sua sexualidade ligada ao ilícito.

Desde o Pecado Original, parece estar sendo construída uma estratégia de controle das sexualidades masculina e feminina, tal como diz o texto bíblico: “o teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará” (Gênese, Cap. 3, v.16). À desobediência dos homens à vontade de Deus, Ele nos puniu com a desobediência “daquela” parte do corpo dos homens à vontade desses. Doravante, homens e mulheres pagarão pelo pecado do orgulho, aquele que os impeliu à desobediência, com a incapacidade de governar os seus próprios corpos, a *luxúria* os levará a uma armadilha, da qual quase não há escapatória, o preço da salvação será a eterna vigilância e, não apenas sobre o corpo, mas, sobretudo, sobre o pensamento, pois é neste campo que o pecado se insinua e corrompe o corpo, fato que é recorrente no discurso eclesiástico.

O sexo era visto pela igreja como um mal necessário, indispensável para que a humanidade pudesse cumprir a orientação bíblica que propõe aos homens e mulheres serem fecundos, de modo a multiplicar e encher a terra de sua espécie, conforme se lê em Gênesis (Cap. 1, v. 28). Entretanto, isto desvirtuava o ser de sua verdadeira vocação que requer um total controle sobre os desejos da carne, sobretudo, a abstinência sexual.

Ademais, os seres humanos já não governam seus corpos, haja vista que a fornicação parece incontrolável, que cada homem tenha a sua mulher e cada mulher tenha o seu homem, é São Paulo quem o diz: “Todavia para evitar a fornicação, tenha cada homem sua mulher e cada mulher o seu marido. O marido cumpre o dever conjugal para com a esposa; e a mulher faça o mesmo em relação ao marido” (Cor., cap. 1, v. 7). Desta forma, o casamento se tornou um instrumento cristão de controle das práticas sexuais, combatendo, por um lado, a concupiscência, e, por outro, possibilitando a reprodução da espécie.

Que este projeto da Igreja tenha alcançado com sucesso boa parte da sociedade, não resta dúvidas; ela confinou as práticas sexuais lícitas no espaço sagrado do casamento. Qualquer outra forma de conduta sexual seria lançada no universo dos pecados capitais e condenada à danação.

Homens e mulheres estão doravante enredados em uma teia que os quer colocar sob controle, dentro de um projeto maior, de homogeneização da sociedade, aquele de um só Deus, de uma só Igreja, de uma só família. O casamento se tornou, ao mesmo tempo, uma forma tolerável de exercício da sexualidade, ao mesmo tempo em que já nasce marcado pelo pecado, pois como assinala Jacques Le Goff (1992: 150-161), o casamento estará irremediavelmente tocado *pela* “concupiscência que acompanha o ato sexual” desde Adão.

## Referências Bibliográficas:

- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. Da Europa feudal à renascença. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. v. 2.
- BARROS, Carlos. Rito e violação: direito de pernada na baixa idade média. In: CARVALHO, Joaquim Ramos de (Org.). *Rituais e cerimônias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.
- BELIOZ, Jacques (Ap.). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BLOCH, R. Houward. *Misoginia e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. *Histoire de péchés capitaux au moyen age*. Paris: Aubier/ Collection historique, 2003.
- DUBY, Georges. *A Idade Média uma idade do homem*. Lisboa: Editorial Teorema, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu (Séculos VII-XII)*. Lisboa: Estampa, 1980.
- \_\_\_\_\_. ; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en occidente*. La Edad Media. Madrid: Taurus Minor, 1992.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo, 1995.
- HÉRETIER, Françoise. *Masculino. Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- IOGNA-PRAT, Dominuque; PALAZZO, Éric; RUSSO, Daniel (Orgs.). *Marie*. Le culte de la virge dans la société médiévale. Paris: Beauchesna Éditeur, 1996.
- KELLER, John E. (Eds.). *Studies on the cantigas de Santa Maria*. Art, Music and Poetry. Madisn: Hispanic Seminary, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- \_\_\_\_\_. ; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Bauru: Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_. *L'Historie Senil*. Amor e sexualidade no ocidente. Trad. Anna Maria Capovilla; Horácio Goulart, Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992.

LOYN, H.R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999.

METTMANN, Walter. Algunas observaciones sobre la gènesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: KATZ, Israel.

\_\_\_\_\_. (Ed.) Afonso, O Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. 4 v.

MILES, Rosaling. *A história do mundo pela mulher*. Rio de Janeiro: LTC-Livros técnicos e científicos Editora Ltda. Casa Maria Editorial. 1989.

MONCADA, L. Cabral de. O duelo na vida do direito. In: *Estudo de história do direito*. Lisboa: Faculdade de Direito de Lisboa, [19—]. v.1.

PÉREZ DE TUDELA Y VELAZCO, Maria Isabel. El tratamiento de la mujer en las Cantigas de Santa Maria. In: \_\_\_\_\_. *La condición de la mujer en la Edad Media*. Madrid: Ed. Universidade Complutense de Madrid, 1986.

\_\_\_\_\_. Maria nel vértice de la edad media. In: \_\_\_\_\_. *Las mujeres e el cristianismo medieval*. Madrid: 1989.

PILOUSO, Mario. *A mulher, a luxúria e a igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus*. Mulheres, sexualidade e a igreja católica. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

ROGDRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RODRIGUEZ-DOMINGUEZ, Ana. Jornadas de investigación interdisciplinaria, 3,1984, Madrid. Imagenes de la mujer en las Cantigas de Santa Maria. In: *La Imagem de la mujer en el arte español*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1984.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*. As minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 20 (2), jul/dez, 1995. p. 71-99.